



Comunicação

DOI: [10.21680/2447-7842.2023v9n2ID33680](https://doi.org/10.21680/2447-7842.2023v9n2ID33680)

Revistas científicas registradas no DOAJ: análise a partir do Índice H5

Scientific Journals Registered in the DOAJ: analysis based on the H5 Index

Raphael Faria Vilas Boas ¹

Phillipe de Freitas Campos ²

Denise Aparecida Freitas de Andrade ³

Fábio Lorensi do Canto ⁴

Submetido em: 17/04/2023

Aprovado na ConfOA: 14/06/2023

Publicado em: 25/11/2023

Resumo: O estudo faz uma análise abrangente das inter-relações entre o Índice H5 de revistas listadas no DOAJ, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita das regiões em que essas revistas são veiculadas e o (s) idioma (s) de publicação adotado (s). Para alcançar esse objetivo, empregou-se a ferramenta *Gsm_hdata* para a coleta e análise dos dados. Constatou-se que as regiões globalmente reconhecidas por hospedar revistas com os mais elevados Índices H5 coincidem com aquelas que

¹ Bacharel em Biblioteconomia e graduando em História pela Universidade de Brasília (UnB). Atua como Bibliotecário e Pesquisador no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) em projetos que buscam o desenvolvimento do Acesso Aberto, Ciência Aberta e Revistas Científicas no Brasil. Atua na coordenação de projetos que focam na criação e desenvolvimento de infraestrutura de Ciência Aberta no Brasil e na produção de pesquisas nessas áreas.

² Bacharel em Biblioteconomia e Mestrando em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília. Atua como Bibliotecário e Pesquisador no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) e na Secretaria Executiva da Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde (SE UNA SUS) em projetos relacionados ao Acesso Aberto, Ciência Aberta, Revistas Científicas e Repositórios Digitais.

³ Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Atua como Bibliotecária e Pesquisadora no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict).

⁴ Graduado em Biblioteconomia - Gestão da Informação pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC (2005) e Bacharel em Direito pela Faculdade CESUSC (2012). Mestre (2018) e Doutor (2022) em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bibliotecário/Documentalista na Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista de pesquisa no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict).



exibem os maiores PIB per capita, favorecendo predominantemente o idioma inglês para publicação. Paralelamente, regiões com Índice H5 mais modestos abrigam revistas com menor presença de publicações em inglês e exibem médias inferiores de PIB per capita. Os resultados apresentados delineiam correlações notáveis entre o Índice H5, o PIB per capita e a prevalência do idioma inglês, sugerindo que tais variáveis desempenham papéis cruciais no contexto dos índices de citação de revistas.

Palavras-chave: revistas científicas; acesso aberto; Directory of Open Access Journals (DOAJ); índice H5; indicadores bibliométricos.

Abstract: The study conducts a comprehensive analysis of the interrelations among the H5 Index of journals listed in the DOAJ, the per capita Gross Domestic Product (GDP) of the regions where these journals are disseminated, and the adopted publication language(s). To achieve this goal, the Gsm_hdata tool was employed for data collection and analysis. It was observed that regions globally recognized for hosting journals with the highest H5 Indices coincide with those displaying the highest per capita GDP, predominantly favoring the English language for publication. Simultaneously, regions with more modest H5 Indices house journals with a lower presence of English-language publications and exhibit lower averages of per capita GDP. The presented outcomes delineate noteworthy correlations among the H5 Index, per capita GDP, and the prevalence of the English language, suggesting that these variables play pivotal roles within the context of journal citation indices.

Keywords: scientific journals; open access; Directory of Open Access Journals (DOAJ); H5 index; bibliometric indicators.



1 INTRODUÇÃO

A comunicação científica em meados do século XX é amplamente influenciada por um contexto de explosão informacional, tornando praticamente impossível o acesso dos cientistas a tudo aquilo que vinha sendo produzido em suas respectivas áreas de atuação. Nesse cenário, as revistas científicas se fortalecem, assumem papel de destaque na comunicação científica e passam a ser entendidas como *gatekeepers* da Ciência, filtrando aquilo que se considerava ter maior valor científico em cada área do conhecimento.

Com o crescimento vertiginoso do número de revistas científicas foram criadas ferramentas capazes de avaliá-las, bem como os pesquisadores que nelas publicam. Nessa toante, grandes editoras comerciais passam a adotar índices como forma de diferenciar suas publicações em detrimento de outras. Esses índices objetivam quantificar o impacto de uma publicação dentro da comunidade científica baseado no número de vezes que uma revista é citada em outros canais científicos.

Tal conjuntura conferiu às revistas científicas status de prestígio, ao ponto de que publicar em uma revista específica pode ser tão ou mais importante do que a pesquisa propriamente dita. Para melhor elucidar essa questão, Costa (2018), baseada nos conceitos de “campo”, “capital” e “habitus” cunhados pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1983), traz em sua pesquisa vasta discussão sobre as razões que levam os pesquisadores a elegerem as revistas científicas como canais de disseminação dos resultados de suas pesquisas. Na visão da autora, existe um poder simbólico em torno da publicação em revistas científicas, o que cria competições no campo científico.

Esse capital científico é obtido a partir de uma série de indicadores que foram sendo criados para medir o impacto das revistas científicas e os trabalhos nelas publicados, com especial destaque, para efeitos deste estudo, o Índice H5 fornecido pelo *Google Scholar Metrics* (GSM). Por ser obtido de maneira gratuita, este índice é amplamente utilizado pela comunidade científica e avaliadores da ciência, de modo que a realização de estudos a partir dele são relevantes para compreender a



influência de indicadores bibliométricos nas revistas científicas, com ênfase naquelas que são de acesso aberto.

Frente ao exposto, questiona-se sobre qual é o panorama das revistas científicas de acesso aberto publicadas mundialmente a partir da influência que o Índice H5 tem sob elas. Posto isso, objetiva-se neste trabalho analisar diferentes aspectos das revistas científicas registradas no *Directory of Open Access Journals* (DOAJ) a partir do índice H5 obtido por elas, bem como relacionar este índice com outras variáveis, tais como o PIB per capita das regiões em que estas são publicadas e idiomas de publicação.

2 ACESSO ABERTO E AS REVISTAS CIENTÍFICAS

O Movimento de Acesso Aberto evidenciou o papel fundamental das revistas no fazer científico, uma vez que foi delegado a esse canal a estruturação de uma das duas principais vias para se atingir o acesso aberto, a Via Dourada. Somando a isso, as tecnologias de informação contemporâneas ao Movimento proporcionaram um aumento na produção, disseminação e compartilhamento imediato da informação (Alves, 2008, p. 8). Este novo cenário impulsionou o desenvolvimento acelerado da ciência e, como consequência, o acesso à informação científica tornou-se primordial para o desenvolvimento de novos conhecimentos científicos (Silva, Silveira, 2019, p. 2). No entanto, o acesso à informação científica, muitas vezes, ainda é limitada por barreiras de acesso, como o alto custo das assinaturas de periódicos científicos (Leite, 2009).

Como forma de superar esse alto custo é que surge o Acesso Aberto e, nessa tônica, o *Directory of Open Access Journals* (DOAJ), que a partir de 2003 opera como um serviço de informação que visa reunir periódicos de acesso aberto de todo o mundo, com a missão de aumentar a “visibilidade, acessibilidade, reputação, uso e impacto de periódicos de pesquisa acadêmica de qualidade, revisados por pares e de acesso aberto, independentemente da disciplina, geografia ou idioma” (DOAJ, [2023]).



3 ÍNDICE H5: UM INDICADOR CONSTRUÍDO POR DIVERSAS VARIÁVEIS

O Índice H foi originalmente concebido para mensurar o desempenho de pesquisadores por meio da relação entre produtividade e impacto de suas publicações (Hirsch, 2005). É calculado identificando-se o maior número H de publicações de um determinado autor que tenham recebido pelo o mesmo número H ou mais de citações. O seu objetivo inicial - avaliar pesquisadores - foi ampliado, passando a ser utilizado também para avaliar periódicos e outras entidades científicas (Bornmann, Mutz, Hug, & Daniel, 2011; Barnes, 2017).

Uma das vantagens do Índice H é o de representar em apenas um número inteiro duas relevantes variáveis da comunicação científica, a produtividade e o impacto. Estabelece um parâmetro médio de desempenho, por vezes considerado mais justo do que outros indicadores (Barnes, 2017). É um indicador estável, que não varia bruscamente em função de publicações altamente citadas (*outliers*), bem como de trabalhos pouco ou não citados. Não é tão sensível a erros pontuais nos dados de citação, pois considera somente os artigos mais citados (Bornmann, Mutz, Hug, & Daniel, 2011). Na mesma direção, Silva e Grácio (2017, p. 200) apontam outras vantagens, como a “[...] utilidade na tomada de decisões sobre promoções, alocação de verbas e atribuição de prêmios”.

Por outro lado, elucida-se também críticas ao índice, como a possibilidade de manipulação por meio de autocitações, a impossibilidade de comparar pesquisadores de distintas áreas do conhecimento, o favorecimento de pesquisadores com maior tempo de titulação acadêmica etc. (Silva; Grácio, 2017). Ademais, a Recomendação da Unesco sobre Ciência Aberta evidencia o impacto nocivo de índices de citação para Ciência Aberta quando a pontuação da revista é encarada como parâmetro de qualidade do conteúdo publicado, determinando as vias de financiamento e de capital científico para os pesquisadores que publicam em revistas que possuem altos índices. A Recomendação elucida que índices de citação não servem como instrumento para medir a qualidade científica de uma publicação e que seu mecanismo de quantificação reflete mais a capacidade das revistas de publicarem grandes números de artigos, além de desconsiderar que a distribuição



de citações é desigual entre as diferentes áreas de conhecimento (Unesco, 2022). A utilização de índices de citação para qualificar a ciência serviria assim como um vetor de concentração de capital científico que se retroalimenta à medida que a revista os utiliza como meio de gerar capital financeiro.

Apesar das questões supracitadas, é notória a crescente popularidade do índice H nos últimos anos, de modo que esse passou a ser calculado em bases de dados como a Web of Science e a Scopus. No caso do Google Scholar Metrics, o Índice H5 foi definido para avaliação de publicações, especialmente revistas científicas e conferências (Lópes-Cózar & Cabezas-Clavijo, 2013).

Outro ponto imprescindível para ser elucidado diz respeito à vantagem da publicação em inglês para fins de citação. Nassi-Calò (2016) pontua que “[...] comunicar a ciência em um idioma compreendido pela maioria certamente aumenta sua probabilidade de ser citado” (Nassi-Caló, 2016, n. p.). Na mesma direção, Di Bitetti e Ferreras (2017) analisaram em sua pesquisa 1.328 artigos provenientes de revistas distintas. Os dados indicam que os artigos publicados em inglês foram mais citados, apesar de existir uma série de outros fatores que podem influenciar nessa decisão.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

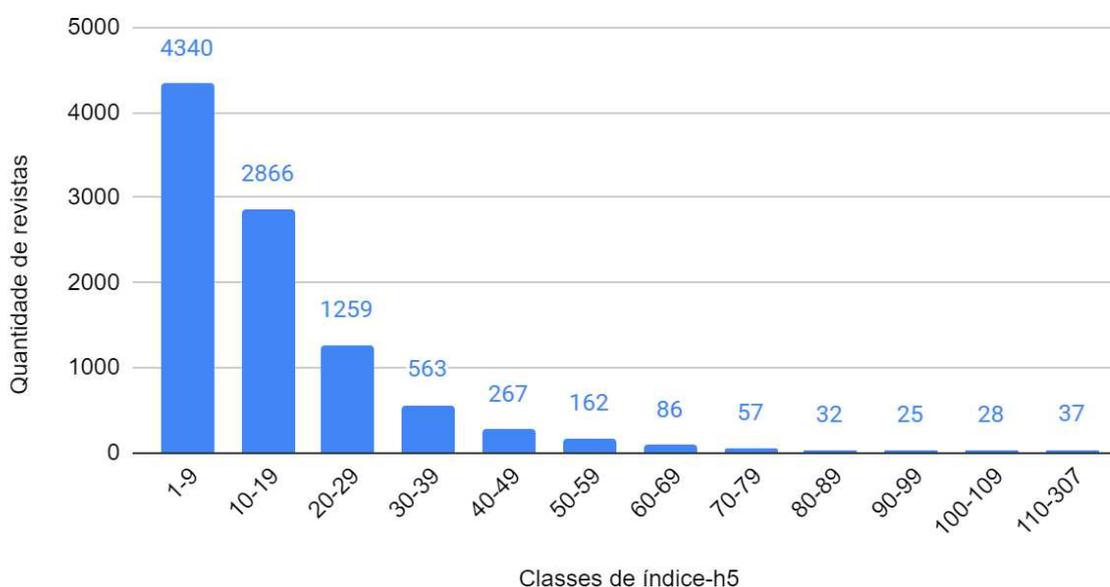
A pesquisa tem como base o conjunto total de dados das revistas científicas indexadas no DOAJ disponíveis em livre acesso (*public data dump*). A partir dos campos “Título” e “Título alternativo” das revistas, foi utilizada a ferramenta bibliométrica *Gsm_hdata* (Canto, 2022) para pesquisa e extração de dados do GSM, a saber: título, índice H5, mediana-h5 e URL. Foi utilizada a edição 2022 do GSM, que considera artigos publicados entre 2017 e 2021 e citações registradas até junho de 2022. Os dados das revistas obtidos no DOAJ foram utilizados para análises geográficas (regiões e continentes) e relacionadas aos idiomas de publicação das revistas. Para a análise de impacto foi utilizada a média do índice H5 dos conjuntos de revistas indexadas no GSM.



5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Das 18.820 revistas com dados extraídos no DOAJ, 9.722 foram localizadas no GSM, o que corresponde a 51,7%. Desse modo, para a presente análise serão consideradas as 9.722 revistas que se encontram tanto no DOAJ quanto no GSM, as quais receberam índice H5.

Gráfico 1 - Quantidade de revistas por classe de índice H5



Fonte: os autores, com base nos dados da pesquisa.

O Gráfico 1 indica o quantitativo de revistas pelas classes do índice H5. Considerando que a totalidade das revistas analisadas se enquadram entre 1-307, as classes apresentam intervalos da pontuação com intenção de facilitar a compreensão da distribuição das revistas por índice H5. A classe mais representativa é a que vai de 1-9, com 4.340 revistas, o que corresponde a 44,6% da amostra. Ao expandir a análise, nota-se que as seis primeiras classes - com índice H5 que vai de 1-59 - concentram 9.457 revistas, o que corresponde a 97,3%



da amostra. O restante das revistas (267, que corresponde a 2,7% da amostra) possuem índice H5 que varia entre 60-307.

Tabela 1 - Relação de cada região pela quantidade de revistas, PIB per capita e média de índice H5

Regiões	Número de revistas (%)	PIB Per Capita (Banco Mundial)	Média índice-h5
AMÉRICA DO NORTE	7,6 %	44094,1	23,4
EUROPA OCIDENTAL	34,6 %	43902,7	22,9
OCEANIA	0,6 %	54612,1	22,1
ÁSIA E ORIENTE MÉDIO	20,6 %	17366,6	12,6
ÁFRICA	1,7 %	2321,3	12,5
AMÉRICA CENTRAL E CARIBE	1,8 %	12736,5	10,6
EUROPA ORIENTAL	14,2 %	12074,0	10,1
AMÉRICA DO SUL	18,9 %	8361,4	9,9
Total de revistas	100 %	24433,6	15,1

Fonte: os autores, com base nos dados da pesquisa.

Nota: as áreas demarcadas em azul representam as regiões que se encontram acima da média índice-h5 que é igual a 15,1.

Para a construção da tabela 1, as revistas da amostra foram classificadas, inicialmente, pelos seus países de origem. Diante desta lista, a cada um dos 132⁵ países encontrados foi verificado o PIB per capita de acordo com os dados do Banco Mundial⁶ prospectados no ano de 2021. Em seguida, os países foram agrupados por sua região global, extraindo-se assim o número total de revistas, a média do PIB per capita e a média de índice H5 para cada região. A tabela foi ordenada pela média de índice H5, de modo que América do Norte, Europa Ocidental e Oceania são as regiões que apresentam as maiores médias.

Outra questão que se denota é a falta de relação entre a média de índice H5 e o número de revistas por região. Assim, regiões com maior representatividade na amostra apresentam tanto índices altos quanto índices baixos, e o mesmo ocorre com regiões com baixa representatividade. Percebe-se correlação entre a média de

⁵ Os países Guadalupe, Palestina, Taiwan e Ilhas Aland não se encontravam na lista do Banco Mundial (<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.CD>), de maneira que não foram considerados para o cálculo da média por região.

⁶ Os dados de PIB per capita de acordo com o Banco mundial podem ser verificados em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.CD>



índice H5 e o PIB per capita das regiões, de modo que regiões que apresentam médias de índice H5 acima da média total (15,1) são as mesmas que apresentam média de PIB per capita acima da média total de PIB per capita de todos os países da amostra (24433,6). Por outro lado, não é possível afirmar que existe uma correlação exata entre o PIB per capita e a média do índice H5. A associação se faz quando se confrontam as regiões que estão acima com as regiões que estão abaixo das médias, mas quando se correlaciona as regiões dentro dessas classes são notadas diferenças. A África, por exemplo, apesar de ser a região com o menor PIB per capita da amostra, possui uma média de índice H5 superior a das regiões América Central e Caribe, Europa Oriental e América do Sul.

Tabela 2 - Percentual de revista por região em cada classe de índice H5

Região	Classes de índice-h5											
	1-9	10-19	20-29	30-39	40-49	50-59	60-69	70-79	80-89	90-99	100-109	110-307
ÁFRICA	52,47%	29,63%	10,49%	4,32%	0,62%	1,85%	0,62%	-	-	-	-	-
AMÉRICA CENTRAL E CARIBE	50,57%	39,08%	8,62%	1,15%	0,57%	-	-	-	-	-	-	-
AMÉRICA DO NORTE	27,55%	29,70%	17,20%	9,95%	5,91%	3,63%	1,48%	0,94%	0,81%	0,54%	0,94%	1,08%
AMÉRICA DO SUL	61,58%	29,59%	7,14%	0,76%	0,60%	0,22%	0,11%	-	-	-	-	-
ÁSIA E ORIENTE MÉDIO	48,43%	34,58%	10,94%	3,70%	1,35%	0,75%	0,15%	0,05%	0,05%	-	-	-
EUROPA OCIDENTAL	30,66%	25,61%	18,48%	10,61%	5,23%	3,33%	1,96%	1,46%	0,71%	0,59%	0,56%	0,86%
EUROPA ORIENTAL	59,43%	29,97%	7,84%	2,18%	0,22%	-	0,15%	-	0,07%	0,07%	0,07%	-
OCEANIA	19,35%	30,65%	30,65%	8,06%	6,45%	1,61%	1,61%	-	-	-	1,61%	-

Fonte: os autores, com base nos dados da pesquisa.

Nota: as áreas demarcadas em azul representam as classes que possuem revistas.

Na Tabela 2 as revistas da amostra foram agrupadas pelas 8 (oito) regiões globais e, posteriormente, pelas classes de índice H5, de modo que é possível verificar a distribuição das revistas por classes. América do Norte e Europa Ocidental são as únicas regiões que possuem revistas em todas as classes. Por outro lado, África e América do Sul possuem revistas com índice H5 máximo de 69, enquanto América Central e Caribe possui revistas com índice H5 máximo de 49. Considerando apenas as revistas com índice H5 acima de 70, nota-se que cinco regiões possuem revistas nessas classes, a saber: América do Norte (4,31%), Europa Ocidental (4,18%), Oceania (1,61%), Europa Oriental (0,21%) e Ásia e Oriente Médio (0,1%).



Outro dado revelado pela Tabela 2 é a falta de uniformidade na distribuição das revistas pelas classes de índice H5 em cada uma das regiões. Enquanto América do Norte e Europa Ocidental são as únicas regiões que possuem revistas distribuídas em todas as classes e percentuais relativamente mais equilibrados de distribuição, há regiões que concentram boa parte de suas revistas em classes específicas, como é o caso de América Central e Caribe, América do Sul e Europa Oriental. Por essa análise percebe-se que as regiões que possuem os maiores PIB per capita não são somente aquelas que possuem o maior número de revistas com altos índices, mas são também as regiões em que as revistas estão mais bem distribuídas entre as classes de índice H5.

Tabela 3 - Relação do inglês como idioma de publicação por média de índice H5

Nº	Classes	Número de revistas	Porcentagem	Média índice-h5
1	Apenas o inglês como idioma	4554	46,8	24,0
2	Mais de um idioma e inglês	3262	33,6	9,4
3	Apenas um idioma sem o inglês	1682	17,3	9,2
4	Mais de um idioma sem inglês	224	2,3	7,8

Fonte: os autores, com base nos dados da pesquisa.

A Tabela 3 demonstra a classificação das revistas da amostra em 4 classes que dizem respeito aos idiomas de publicação indicados pelas revistas. A classe 1 agrupa 46,8% das revistas e apresenta uma média de índice H5 de 24, que é mais do que o dobro das médias das outras classes, evidenciando o peso que a publicação em inglês tem no impacto da revista. Por outro lado, destaca-se também o fato das revistas das classes 3 e 4 apresentarem média de índice H5 menor que revistas das classes que aceitam o inglês como idioma de publicação. Em conjunto, esses dados mostram que a aceitação do inglês como idioma de publicação interfere positivamente no índice H5 das revistas, enquanto revistas que publicam em apenas um idioma sem que este seja o inglês apresentam médias bem menores, o que pode ser explicado pelo regionalismo a que se volta.



Tabela 4 - Relação do inglês como idioma de publicação por região

	Classe 1	Classe 2	Classe 3	Classe 4
Regiões	Apenas o inglês como idioma	Mais de um idioma e o inglês	Apenas um idioma sem o inglês	Mais de um idioma sem inglês
OCEANIA	93,5%	6,5%	-	-
AMÉRICA DO NORTE	75,7%	16,8%	7,3%	0,1%
ÁFRICA	69,8%	28,4%	0,6%	1,2%
EUROPA OCIDENTAL	65,0%	26,6%	6,7%	1,7%
ÁSIA E ORIENTE MÉDIO	53,3%	27,0%	19,6%	0,1%
EUROPA ORIENTAL	34,0%	51,9%	13,2%	0,9%
AMÉRICA DO SUL	5,3%	47,7%	39,1%	7,9%
AMÉRICA CENTRAL E CARIBE	0,6%	33,9%	63,8%	1,7%
Total de revistas	46,8%	33,6%	17,3%	7,8%

Fonte: os autores, com base nos dados da pesquisa.

Nota: as áreas demarcadas em azul representam as regiões que se encontram acima da média de porcentagem de revistas para cada classe (os dados da média encontram-se disponíveis na linha "Total de revistas").

Na Tabela 4, para cada classe se indica a porcentagem de revistas em cada região. A tabela foi ordenada pela primeira classe ("Apenas o inglês como idioma") de forma decrescente. Pode-se traçar relação entre os dados apresentados com a média do índice H5, pois as regiões que possuem as maiores médias apresentam quantidades acima da média de revistas na Classe 1, são elas: Oceania, América do Norte e Europa Ocidental. Ao mesmo tempo, as regiões que apresentam quantidades abaixo da média de revistas da Classe 1 apresentam as menores médias de índice H5, são elas: Europa Oriental, América do Sul e América Central e Caribe.

Destaca-se também a porcentagem de revistas africanas que possuem apenas o inglês como idioma de publicação (69,8%). A posição da região na tabela apresenta forte indicativo que pode explicar o valor relativamente alto da sua média de índice H5 (12,5), apesar do baixo PIB per capita que apresenta a região (2321,3). Relevante destacar também o caso da Oceania, que apresenta o maior PIB per capita dentre as regiões (54612,1) e 100% de suas revistas publicarem em inglês, mas ainda assim não apresenta a maior média de índice H5, apesar de sua média ser bastante próxima da América do Norte e da Europa Ocidental. Tal dado reforça a



tese de Di Bitetti e Ferreras (2017), que apontam que há vários outros fatores que influenciam o índice de citação, ainda que o idioma tenha peso relevante.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Análises de variações de produtividade e de impacto de revistas de diferentes países/regiões e idiomas vêm sendo realizadas com frequência. No entanto, esta pesquisa inova por ser baseada somente em dados provenientes de fontes abertas. Tal delimitação demonstra a viabilidade do uso do índice H5 para análises em larga escala, especialmente para representar regiões com menor visibilidade em bases de dados de acesso restrito.

Devido às análises abrangentes, que consideram grandes regiões globais para pautar essas variáveis, não é factível firmar correlações únicas e definitivas, apenas indícios que têm o mérito de desvelar caminhos a seguir para se extrair resultados mais sólidos. Esses indícios apontam, entretanto, que algumas das mais contundentes críticas tecidas a respeito dos índices de citação também se confirmam quando o Índice H5 é colocado em discussão. Os dados da pesquisa indicam que o índice valoriza aquelas revistas que se encontram em países mais ricos, assim como revistas que de fato publicam seus artigos em inglês em detrimento de outros idiomas. De todo modo, para que tais correlações possam ter uma base mais sólida é preciso quantificar as relações entre Índice H5 e o número de artigos publicados por ano, assim como as formas de financiamento e a receita das revistas. Além disso, deve-se voltar a relação dos idiomas para os artigos publicados e não para o idioma de publicação das revistas.

Com destino à finalização deste estudo, pontua-se que as considerações traçadas aqui trazem fortes indicativos que reforçam a percepção de que os índices de citação não fazem relação direta com qualidade das revistas científicas. Os sistemas de quantificação das citações de revistas não são munidos dos mecanismos necessários para a realização da avaliação da qualidade das revistas científicas e se limitam a estabelecer uma medida do impacto do conteúdo



publicado. Altos índices de citação não são capazes de avaliar a realização de processos que garantem a qualidade da revista, como por exemplo, a comprovação da avaliação por pares, a especialização de editores e pareceristas nas áreas dos artigo submetidos, a exogeneidade de autores e pareceristas, a transparência em relação aos dados de pesquisa etc. Por fim, ressalta-se que as críticas aqui realizadas não sugerem que revistas com alto índice de citação não agem de boa fé em seus processos editoriais, somente pontua-se que a obtenção de alto índice não deve ser vista como um aval para garantir a qualidade dos conteúdos publicados.

REFERÊNCIAS

- Alves, V. B. A. (2008). Open Archives: via verde ou via dourada?. *PontodeAcesso*, 2(2), 127-137. <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/1780>
- Barnes, C. (2017). The h-index debate: an Introduction for librarians. *The Journal of Academic Librarianship*, 43(6), 487-494.
<https://doi.org/10.1016/j.acalib.2017.08.013>
- Bornmann, L., Mutz, r., & Hug, S. E., & Daniel, H.-D. (2011). A multilevel meta-analysis of studies reporting correlations between the h index and 37 different h index variants. *Journal of Informetrics*, 5(3), 346-359.
<https://doi.org/10.1016/j.joi.2011.01.006>
- Bourdieu, P. (1983). O campo científico. In R. Ortiz, (Org.), *A sociologia de Pierre Bourdieu* (pp. 122-155). Ática.



Canto, F. L. (2022). *Avaliação de impacto de periódicos ibero-americanos com base no índice h5 do Google Scholar Metrics* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC.
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/237341>

Costa, E. G. S. (2018). *Periódicos de acesso aberto: um canal de disseminação dos pesquisadores bolsistas PQ1A do CNPq?* [Tese de Doutorado, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro]. RIDI - Repositório do IBICT.
<https://ridi.ibict.br/handle/123456789/977>

Directory of Open Access Journals (DOAJ). ([2023]). *About DOAJ*. Recuperado de:
<https://doaj.org/about/>

Di Bitetti, M. S., & Ferreras, J. A. (2017). Publish (in English) or perish: the effect on citation rate of using languages other than English in scientific publications. *The Royal Swedish Academy of Sciences*, 46, 121-127.
<https://doi.org/10.1007/s13280-016-0820-7>



Hirsch, J. F. (2005). An index to quantify an individual's scientific research output.

Proceedings of the National Academy, 102(46), 16569-16572.

<https://doi.org/10.1073/pnas.0507655102>

Leite, F. C. L. (2009). *Como gerenciar e ampliar a visibilidade da informação*

científica brasileira : repositórios institucionais de acesso aberto. IBICT.

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/4841>

Lópes-Cózar, D., & Cabezas-Clavijo, A. (2013). Ranking journals: could Google

Scholar Metrics be an alternative to Journal Citation Reports and Scimago

Journal Rank?. *Learned Publishing*, 26(2), 101-114.

<https://doi.org/10.1087/20130206>

Silva, D. D., & Grácio, M. C. C. (2017). Índice h de Hirsch: análise comparativa entre

as bases de dados Scopus, Web of Science e Google Acadêmico. *Em*

questão, 23(5), 196-212. <https://doi.org/10.19132/1808-5245230.196-212>

Silva, F. C. C., & Silveira, L. (2019). O ecossistema da Ciência Aberta.

Transinformação, 31, e190001.

<http://dx.doi.org/10.1590/2318-0889201931e190001>

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

(UNESCO). (2022). *Recomendação da UNESCO sobre Ciência Aberta*.

https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379949_por



Nassi-Calò, L. (2016). Estudo aponta que artigos publicados em inglês atraem mais citações. *SciELO em perspectiva*.

<https://blog.scielo.org/blog/2016/11/04/estudo-aponta-que-artigos-publicados-em-ingles-atraem-mais-citacoes/#.ZC2qtHbMKU>